

“A QUEM CABE A VITÓRIA?”: AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DO *BASKET-BALL* NO MUNICÍPIO DE OLIVEIRA, SERTÃO DO OESTE MINEIRO

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: O presente artigo descreve e interpreta as primeiras experiências do *basket-ball* no município de Oliveira, sertão do Oeste mineiro. Mais precisamente, objetiva-se a estudar a institucionalização deste esporte, ocorrida em 1916 por iniciativa das normalistas do Colégio Nossa Senhora de Oliveira, em contexto marcado por dinamização produtiva das áreas rurais, ações modernizadoras na sede citadina, valorização das práticas corporais e um debate na imprensa local sobre os esportes que, supostamente, seriam mais indicados para a fruição das mulheres. Como método, foram analisadas reportagens do periódico oliveirense *Gazeta de Minas*, disponível no acervo digital do próprio editorial, além de dados censitários do poder público estadual, disponíveis no catálogo digital do Ministério da Fazenda.

Palavras-chave: História. Basquete. Minas Gerais.

“Whose victory is it?”: First experiences with basketball in the municipality of Oliveira, hinterland of the western region of Minas Gerais

Abstract: This paper describes and interprets first experiences with basketball in the municipality of Oliveira, which lies in the hinterland of the western region of Minas Gerais. More precisely, this study aimed to analyze the institutionalization of that sport, which took place in 1916 on the initiative of women teacher trainees of the Nossa Senhora de Oliveira High School in a context marked by a productive momentum in rural areas, modernizing actions that took place at the school headquarters, valorization of physical exercise and a debate in the local press about the kind of sports that supposedly would be best suited for women. As a method, we analyzed articles published in the *Gazeta de Minas*, Oliveira's local newspaper, which are available at the paper's digital archive, in

¹Doutor em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (2016-2020). Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei (2014-2016). É integrante do Grupo de Pesquisa em História do Lazer (HISLA) da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professor da educação básica na rede pública do município de Divinópolis, Minas Gerais. Possui experiência na área de História, Cultura e Lazer com ênfase nos seguintes temas: História dos Esportes, História do Lazer e História do Comércio Cultural. E-mail: dvoamaral@gmail.com

addition to census data from the public administration of the state of Minas Gerais, available at the digital catalog of the Ministry of Finance.

Keywords: History. Basketball. Minas Gerais

Introdução

Em meados de agosto de 1916, as alunas da Escola Normal Nossa Senhora de Oliveira fundaram o clube *Gracia y Fuerza*, a quem coube o ensejo de introduzir, no meio citadino, o *basket-ball*. Por iniciativa das normalistas, foram erigidas duas quadras esportivas: uma na chácara do colégio destinada aos treinos, jogos e atividades físicas das aulas de ginástica, e outra na Praça D. Manuelita Chagas, para partidas públicas deste esporte. Nas comemorações do dia 7 de setembro daquele ano, “em homenagem à grandiosa data da independência”, as alunas da Escola Normal, segundo informações veiculados pelo jornal *Gazeta de Minas*,² deram sua primeira partida de *basket-ball* franqueada ao público oliveirense (GAZETA DE MINAS, 10 de setembro de 1916, p. 1). Na semana seguinte, outro *match* foi disputado com “grande entusiasmo da assistência”, no qual as jogadoras de maior destaque dos *teams* azul e rosa foram premiadas com “uma caixa cheia de bombons, dada pela professora de ginástica e desenho, Maria Stela Rabelo,³ e um lindo vidro de loção, dado pela professora de francês e música, Diva Pinheiro Chagas” (GAZETA DE MINAS, 17 de setembro de 1916, p. 1).

Na esteira da criação do clube *Gracia y Fuerza*, alunas do curso normal, com a participação de algumas moças da “melhor sociedade de Oliveira”, entre

² Esta folha foi fundada, inicialmente, com o nome *Gazeta de Oliveira*, em setembro de 1887, pelo português Antônio Fernal. Em 1899, a antiga *Gazeta de Oliveira*, “órgão literário, comercial, agrícola e noticioso”, já com periodicidade semanal, mudou seu nome para *Gazeta de Minas*. Daí em diante, tentando ampliar o espectro geográfico de sua circulação, a nova *Gazeta de Minas*, além de agentes e representantes instalados em pequenas cidades de Minas Gerais, passou a contar, também, com colaboradores instalados até em grandes centros urbanos do exterior, segundo noticiava o próprio jornal. Logo, o periódico passou a se declarar como o “jornal de maior formato e circulação do estado de Minas Gerais” (GAZETA DE MINAS, 1 de janeiro de 1899, p. 1).

³ Nas fontes primárias arroladas nesta pesquisa, não foram encontradas informações sobre a trajetória profissional da educadora responsável pelas aulas de ginástica do curso normal, Maria Stela Rabelo, fato que inviabilizou uma abordagem detalhada sobre sua participação no processo de institucionalização do novo esporte. Especula-se que ela tenha chegado em Oliveira no ano de 1915 para assumir as cadeiras de ginástica e desenho da Escola Nossa Senhora de Oliveira, posto que, antes dessa data, os jornais não trazem nenhuma referência a membros da família Rabelo residentes no município.

elas, Celia Xavier e Inah Xavier, filhas do Coronel Manoel Antônio Xavier, presidente da Câmara Municipal de Oliveira, Adolphina de Castro, filha do “abastado fazendeiro” e presidente da Cooperativa Pastoril Oeste de Minas, Orozimbo Ribeiro de Castro, e Zezé Castro, aluna da Escola de Farmácia de Belo Horizonte, filha do jornalista e redator do jornal *Gazeta de Minas*, José Olympio de Castro, fundaram outra agremiação esportiva dedicada ao *basket-ball*: o *Eden Club Sportivo*. Na penúltima semana de agosto de 1916, a imprensa oliveirene noticiou que partidas diárias de *basket-ball* estavam sendo realizadas pelas sócias do novo clube:

São deliciosas as partidas de *basket-ball* realizadas todas as tardes, no ground da Praça D. Manuelita Chagas, pelas nossas gentilíssimas moças que se batem com denodo extraordinário, divididas em dois partidos – Vermelho e Azul.

A quem cabe a vitória?

Terrível dilema este!

Se todas se esforçam tanto!

Deixemos passar mais alguns dias; depois seremos severamente justiceiros, vergando-se vencedoras e vencidas ao veredito dos juízes imparciais.

Desde já nossos francos aplausos a esta brilhante iniciativa precursora de outros exercícios desportivos a que a mulher ordeira não pode ser indiferente.

Avante, pois. (GAZETA DE MINAS, 22 de outubro de 1916, p. 1)

No Brasil, o *basket-ball* foi introduzido em 1896, no Colégio Mackenzie, em São Paulo, pelo professor norte-americano August F. Shaw, que trouxe do seu país de origem as primeiras experiências do jogo também chamado na época de “bola ao cesto”, modalidade que foi criada na sua terra natal cinco anos antes, no *Springfield College*, em Massachusetts, pelo professor canadense James Naishmith (MESSIAS, 2019). No caso de Minas Gerais, mais especificamente, não é possível precisar quando e onde este esporte começou a ser desenvolvido. Sabe-se, no entanto, que o *basket-ball* já era praticado, em diferentes pontos do território mineiro, pelo menos desde o início da década de 1910, cabendo aos colégios metodistas e católicos a iniciativa principal da sua introdução e divulgação (RODRIGUES, 2006, p. 208).

Em setembro de 1911, por exemplo, na cidade de Juiz de Fora, as solenidades do aniversário do Colégio Mineiro Americano tiveram como uma de suas atrações um “interessante *match* de *basket-ball*” promovido pelas alunas matriculadas no Curso Normal (O PHAROL, 15 de setembro de 1911, p. 2). Em

outro registro, datado de novembro de 1914, nas festas de encerramento do primeiro ano letivo do Ginásio de Cataguases, situado na cidade homônima, após a apresentação do Grêmio Machado de Assis e de uma banda de música que tocou o hino da proclamação, foi realizado um “animado *match* de *basket-ball*”, em que, segundo foi noticiado, o jogo contou com a disputa dos *teams* verde e amarelo do *Arnaldo Carneiro Basket-ball Club* (O ESTANDARTE, 19 de novembro de 1914, p. 1).

É certo que o jogo da bola laranja, inicialmente, não alcançou institucionalmente a popularidade de outros esportes atléticos introduzidos em Minas Gerais no início do século passado, sobretudo o futebol que, já no início da década de 1920, nas palavras de um cronista de Oliveira, havia “avassalado todas as atenções” (GAZETA DE MINAS, 3 de junho de 1923, p. 1). No recenseamento social realizado em 1921 por agentes da estatística estadual, enquanto 252 clubes esportivos traziam explicitamente em suas nomenclaturas o termo *foot-ball*, o *basket-ball*, por outro lado, teve apenas dois clubes recenseados.⁴ Isso, talvez, ajude a entender o pequeno número de pesquisas com dados significativos sobre a gênese e o desenvolvimento histórico do *basket-ball* em Minas Gerais (GATTI; INÁCIO FILHO, 2010; CABRAL, 2017; ALVES; NETO, 2020), ao passo que o futebol é o esporte com o maior número de produções acadêmicas no estado, tendo recebido investigações históricas sobre clubes, torcidas, campeonatos ou, ainda, seu espraiamento na forma bricolada por ruas e praças públicas em cidades do Sul, Triângulo, Mata, Centro, Oeste e Norte (cf., por exemplo, NETO, 2010; MORORÓ, 2012; SILVA, 2012; SILVA, 2013; DIAS, *et. al.*, 2014; LIMA, 2014; AMARAL, 2017; KANITZ, 2017; SILVA, 2017). Essas constatações indicam a inadiável necessidade de novas incursões que possam trazer elementos inéditos da organização inicial do jogo da bola ao cesto entre os mineiros.

Doravante, no início de novembro de 1916, as sócias dos clubes *Gracia y Fuerza* e *Eden Club Sportivo* realizaram, no *ground* do colégio, um *match training* que demarcaria, de forma oficial, a inauguração do segundo clube (GAZETA DE MINAS, 5 de novembro de 1916, p. 1). Gradativamente, o *basket-*

⁴ Estes dois clubes eram: *Machado Sobrinho Basket-Ball Club*, da cidade de Juiz de Fora e *Basket-Ball Club* (Ginásio), da cidade de Rio Novo (MINAS GERAIS, 1926, v. IV, p. 421-442).

ball praticado por uma seleta plêiade de gentis *sportwomen* angariava mais adeptos em Oliveira, passando a movimentar em treinamentos ou partidas públicas jogadoras, assistências e cronistas da imprensa que noticiavam as principais atividades dos clubes dedicados ao novo esporte. Ainda em novembro, o clube *Gracia y Fuerza*, por ocasião das festas do Dia da Bandeira, organizou uma tarde esportiva no *ground* da Escola Normal:

Foi uma belíssima festa a deste elegantíssimo Club na manhã de 15 do corrente, para celebrar a grande data transcorrida.

O campo na chácara do Colégio Nossa Senhora de Oliveira achava-se ornamentado com bandeirolas azuis e encarnadas, muito bem-disposto e devidamente marcado, sendo o melhor da cidade.

Havia diversos convidados, entre os quais o redator da *Gazeta*, sendo a todos servido um café com doces variados [...].

A luta entre os diversos partidos foi reunida e muito animada, sendo grande o entusiasmo da assistência. (GAZETA DE MINAS, 19 de novembro de 1916, p. 1)

O alarde inicial, provocado pelos treinos e partidas públicas dos dois recém-fundados clubes de *basket-ball*, ocorreu quando a sede do município experimentava um alargamento da prática dos “esportes ginásticos” que, pouco a pouco, ganhavam as praças públicas, as ruas, os clubes e os pátios escolares. Até o final do ano de 1915, a imprensa de Oliveira pouco havia se envolvido com a divulgação de iniciativas esportivas. Mais detalhadamente, apenas duas modalidades tiveram um maior engajamento da imprensa na sua divulgação. Uma era a caça, que recebeu diversas publicações sobre licenças, armas, vestimentas, cachorros de caça ou, ainda, perigos encontrados nas matas (cf., por exemplo, GAZETA DE MINAS, 5 de janeiro de 1890, p. 2; GAZETA DE MINAS, 17 de fevereiro de 1895, p. 2; GAZETA DE MINAS, 2 de outubro de 1896, p. 2; GAZETA DE MINAS, 9 de setembro de 1900, p. 1). Outra era o turfe, que foi alvo de duas iniciativas comerciais: os páreos promovidos pelo *Jockey Club Oliveirense*, entre os meses de maio e junho de 1898 (cf., por exemplo, GAZETA DE MINAS, 15 de maio de 1898, p. 1; GAZETA DE MINAS, 12 de junho de 1898, p. 1), e os páreos promovidos por um grupo de fazendeiros e investidores nos dois meses finais de 1915 e primeira metade de 1916 (cf., por exemplo, GAZETA DE MINAS, 12 de setembro de 1915, p. 2; GAZETA DE MINAS, 21 de novembro de

1915, p. 1; GAZETA DE MINAS, 12 de março de 1916, p. 1; GAZETA DE MINAS, 9 de julho de 1916, p. 1).

No decorrer da década de 1910, o município de Oliveira experimentou uma espécie de surto produtivo das áreas rurais,⁵ cujos lucros do agronegócio, setor que concentrava, apenas na exploração do solo, 71% da mão de obra assalariada, direta e indiretamente concorreu, entre outras coisas, para um crescimento demográfico (aumento de 197% quando comparado com o final do século 19) e ampliação da capacidade de arrecadação dos tributos públicos (70% de aumento entre os anos de 1914 e 1920).⁶ Estes processos tiveram participação decisiva no financiamento de uma série de reformas, construções e ações modernizadoras no espaço urbano de Oliveira, embora certas ambiguidades tenham sido registradas, como a presença de gado, porcos, cabritos e perus na parte central, fato que, mais explicitamente, contrariava todo o empenho em se criar uma ambiência civilizada (AMARAL; DIAS, 2019).

No curso deste conjunto de transformações, o “corpo” assumirá certo protagonismo nas interações sociais, apresentando-se como instrumento privilegiado para a incorporação de modelos éticos e estéticos capazes de traduzir os novos tempos que ora se abriam. Com efeito, o pensamento médico-higienista, que nessa época se difundia pelo interior do Brasil, propagandeava o entendimento de que a aquisição de bons hábitos de higiene e a prática de exercícios ginásticos eram ações fundamentais para combater uma suposta debilidade física e moral do brasileiro (ADÃO; SILVA, 2014). Tal como foi observado pelo historiador Edivaldo Júnior (2013, p. 109), no projeto de modernidade que afetou as principais cidades brasileiras do período, os espaços

⁵ No final da década de 1900, o município de Oliveira limitava seu potencial de exportação em três produtos: manteiga, gado vivo e algum café. Já no ano de 1920, segundo dados da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, a exportação de Oliveira alcançou a marca de, aproximadamente, 7.269 toneladas de arroz, café, cascas para curtumes, charque, feijão, fumo, manteiga, milho, polvilho, toucinho, além de 1500 quilômetros de tecidos e 4.000 dúzias de ferraduras. Soma-se a essa exportação um rebanho de quase 100 mil cabeças de gado e aves (MINAS GERAIS, v. III, 1926).

⁶ Para dimensionar esses números, entre os anos de 1900 e 1911, as receitas do município tiveram um pequeno crescimento de 6% e, entre os anos de 1912 e 1913, após as perdas de arrecadação de dois distritos emancipados, Cláudio e Passa Tempo, as receitas tiveram um decréscimo de 14% (AMARAL, 2020, p. 98).

urbanos deveriam ser higienizados com bulevares, praças, áreas verdes, prédios amplos e arejados, bem como seus habitantes com corpos limpos e saudáveis.

No município de Oliveira, as representações positivas acerca do esporte, nas quais o corpo deveria condizer com uma nova racionalidade higiênica, começaram a ganhar ressonâncias na imprensa no início da década de 1910, quando tornou-se mais comum a circulação de registros que advogavam em favor de uma raça “forte, bem disposta e apta para enfrentar os perigos” (cf., por exemplo, GAZETA DE MINAS, 9 de abril de 1911, p. 1; GAZETA DE MINAS, 3 de março de 1912, p. 1; GAZETA DE MINAS, 9 de abril de 1916, p. 1). O novo espectro de ambição esportiva, cujas bases discursivas eram ensejadas por supostos benefícios físicos, higiênicos, estéticos, morais e intelectuais advindos da sua fruição teve, no ambiente escolar, seu promotor privilegiado.

Os primeiros registros de atividades físicas organizadas nas escolas do município datam do início de 1909, quando os estatutos do Instituto Carvalho Brito, inaugurado no mesmo ano, diziam que suas bases pedagógicas eram ancoradas em três aspectos: “a educação moral forma o coração, a intelectual cultiva o espírito e a física faz o homem robusto” (GAZETA DE MINAS, 31 de janeiro de 1909, p. 3). Logo, acompanhando as experiências das aulas de “exercícios militares e ginástica” do Instituto Carvalho Brito (GAZETA DE MINAS, 17 de janeiro de 1909, p. 5), outras instituições de ensino, aparentemente no acosso de aproximação das reformas educacionais, capitaneadas pelo Secretário do Interior, Carvalho Brito, em 1906, que tinha no desenvolvimento físico um dos seus pilares (RODRIGUES, 2006, p. 209), passaram a promover a prática de exercícios ginásticos no ambiente escolar. Em 1914, a direção do Liceu São Luiz, em nota publicada na imprensa, defendeu o que chamou de cultura *physica*, dizendo ser algo indispensável para a promoção nos alunos de atributos como “força”, “iniciativa” e “caráter individual” (GAZETA DE MINAS, 21 de março de 1914, p. 1).

Inaugurado em março de 1896 (GAZETA DE MINAS, 15 de março de 1896, p. 1) e elevado à condição de Escola Normal em 1905 (GAZETA DE MINAS, 23 de julho de 1905, p. 1), o “estabelecimento educacional de meninas” Nossa Senhora de Oliveira teve incluído nos seus currículos escolares a disciplina de *gymnastica* por volta do ano de 1911, quando é possível encontrar as primeiras menções nos

resultados dos exames finais aplicados na primeira metade do mês de dezembro (GAZETA DE MINAS, 3 de dezembro de 1911, p. 1). Inicialmente, as atividades físicas ficaram restritas ao ambiente escolar e eram constituídas, aparentemente, pela ginástica e outras formas de exercícios corporais. A partir de 1916, em sintonia com o processo modernizador que ganhava contornos mais nítidos no centro citadino oliveirense, a caça e o turfe, modalidades que imperavam soberanas, talvez, entre outras coisas, por suas relações com o universo rural, sofreram um forte desprestígio por parte dos cronistas locais. Neste momento, é possível encontrar registros de imprensa de diversas novas práticas esportivas supostamente mais modernas e alinhadas com um novo estilo de vida em que o corpo era o símbolo ativo de sua realização.

Em abril de 1916, homens e rapazes dos estratos sociais mais elevados da cidade, incluindo estudantes, advogados, comerciantes, engenheiros e políticos, criaram um clube de futebol, o *Oliveira Sport Club* (GAZETA DE MINAS, 9 de abril de 1916, p. 1). No mês seguinte, a “operosa diretoria” do novo clube iniciou os trabalhos de “nivelamento e terraplanagem” do Hipódromo Coronel Xavier, com vistas a deixá-lo em condições de receber jogos futebolísticos (GAZETA DE MINAS, 7 de maio de 1917, p. 1). O estádio foi oficialmente inaugurado na manhã de sábado do dia 8 de julho (GAZETA DE MINAS, 9 de julho de 1916, p. 1) e passou a sediar, a partir de então, exercícios físicos, treinos e partidas dos dois quadros do *Oliveira Sport Club*, além de partidas intermunicipais contra clubes de cidades vizinhas, a exemplo do *match* amistoso, realizado em fevereiro de 1917, contra a comitiva do *Divinópolis Foot-ball Club*, da cidade homônima (GAZETA DE MINAS, 18 de fevereiro de 1917, p. 1).

Ainda em 1916, mais precisamente no mês de dezembro, tivemos em Oliveira a fundação do clube militar Linha de Tiro 327 (GAZETA DE MINAS, 10 de dezembro de 1916, p. 1), que passou a promover nas festas cívicas, feriados e festividades escolares, paradas, marchas, passeatas, hinos, cantos patrióticos, exercícios e desportos militares (cf., por exemplo, GAZETA DE MINAS, 21 de abril de 1918, p. 1; GAZETA DE MINAS, 2 de junho de 1918, p. 1; GAZETA DE MINAS, 7 de setembro de 1918, p. 1). O clube militar, além das atividades citadas, introduziu na sede municipal o *raid* pedestre. Entre dezembro de 1917 e setembro de 1918, foram noticiados quatro *raids*: entre as cidades de Oliveira e São João

del-Rei, num percurso de 155km (GAZETA DE MINAS, 23 de dezembro de 1917, p. 1); entre as cidades de Oliveira e Bom Sucesso, num percurso de 57km (GAZETA DE MINAS, 18 de agosto de 1918); entre a cidade de Oliveira e o distrito de Carmo da Mata, num percurso de 26km (GAZETA DE MINAS, 1 de setembro de 1918, p. 1); e entre a cidade de Oliveira e o distrito de São Francisco de Paula, num percurso de “três léguas e tanto” (GAZETA DE MINAS, 22 de setembro de 1918, p. 1).

Em fevereiro de 1917, uma comissão liderada por políticos locais, por meio de quermesses e doações de “amigos do progresso”, angariou fundos para a construção de um jardim público na Praça da Matriz (GAZETA DE MINAS, 11 de fevereiro de 1917, p. 1). Após os serviços de instalação dos canteiros, grades, portão, coreto e adro em frente à igreja para os serviços religiosos externos, a comissão encomendou da capital Belo Horizonte “um grande ringue de patinação de 40 metros de comprimento e 20 de largura” (GAZETA DE MINAS, 18 de março de 1917, p. 1). No final de abril deste ano, matérias veiculadas nas páginas de imprensa oliveirense noticiavam as primeiras experiências com a patinação no ringue do jardim: “Quanta alegria e encanto, à tardinha, no jardim público? Flores entre flores, as belas senhoritas oliveirenses atraindo olhares doces de quantos observam seus trejeitos gráteis de tímidas patinadoras, no ringue que se construiu” (GAZETA DE MINAS, 22 de abril de 1917, p. 1).

Outra atividade atlética que passou a constar em matérias de jornais foi a luta romana, com suas primeiras referências datadas de outubro de 1917, quando o *Oliveira Sport Club* ofereceu ao “valente campeão Sr. Jorge Simão uma medalha de ouro pela sua brilhante vitória na luta romana no Pavilhão Floriano” (GAZETA DE MINAS, 21 de outubro de 1917, p. 1). Em abril de 1919, diante da relativa importância atribuída aos “esportes corporais”, o “fidalgo *sportman*” Jorge Simão, visualizando um ambiente oportuno de investimentos neste setor, inaugurou, “no ângulo do Largo da Matriz com a Rua Direita”, mais precisamente na parte superior do *Cafe Club*, uma academia denominada Clube Rio Branco com “sessão completa de exercícios físicos, como sejam: argolas, barra fixa, paralela, alteres etc.” (GAZETA DE MINAS, 6 de abril de 1919, p. 3).

É neste contexto de atualização de práticas e valores alicerçados nos pilares do progresso dos costumes e, por extensão, no ajuste dos corpos “aos novos

requisitos do físico e da beleza” (FRANZINI, 2010, p. 51), que as sócias dos clubes *Gracia y Fuerza* e *Eden Club Sportivo* se organizaram institucionalmente para a realização de treinos e partidas públicas de *basket-ball*. Embora, no início do século 20, segundo Igor Maciel (2017), às mulheres fossem concedidas, prioritariamente, as obrigações do espaço doméstico e o cuidado com o lar, “existiam prescrições e incentivos para estarem presentes no espaço público das cidades, espaço esse onde a maioria das práticas de divertimento acontecia” (p. 113). No caso de Oliveira, mais do que ocuparem os novos espaços de sociabilidades, superando um passado que, nas palavras de um cronista anônimo, “não admitia liberdade ingênua, para se viver numa clausura rigorosa” (GAZETA DE MINAS, 22 de abril de 1917, p. 1). Também coube ao “belo sexo” o papel de materializar alguns importantes pontos de esporte e lazer no centro citadino, a exemplo dos *grounds* de *basket-ball* da Escola Normal e da Praça D. Manuelita Chagas, conforme já foi registrado, ou ainda o jardim público da Igreja do Rosário, este último por iniciativa de professoras do colégio Nossa Senhora de Oliveira (GAZETA DE MINAS, 28 de janeiro de 1917, p. 1).

O protagonismo das mulheres, sobretudo no que diz respeito aos esportes, recebeu estímulos dos cronistas locais, cujas matérias enfatizavam o caráter progressista e salutar de algumas modalidades. Em abril de 1917, por exemplo, uma nota intitulada “Educação física das mulheres”, fazia um apelo para que as mulheres não ficassem indiferentes “a vida ao ar livre e ao exercício corporal”:

[...] Infelizmente no Brasil, a mulher evita os exercícios musculares e os passeios pelos campos; prefere estar curvada ante a bancada de costura ou a manusear as agulhas de crochê ou os aparelhos de renda; nos colégios levam horas e horas sentadas, evitando os exercícios ou então em casa, debruçadas ao parapeito das janelas, dificultando a respiração. É tempo já de cuidarmos da educação física das mulheres. (GAZETA DE MINAS, 20 de abril de 1917, p. 2)

Se por um lado os cronistas da imprensa aconselhavam o movimento físico das mulheres “por via das novas práticas modernas, como indício de progresso da saúde individual e coletiva”, por outro, esse movimento deveria ser comprometido com a “anatomia delicada de seus corpos que estavam destinados à missão de gestar” (SILVA, 2020, p. 2). Tal como foi observado por Silvana Goellner (2005), o esforço físico, a leveza das roupas, os gestos espetacularizados

do corpo ou, ainda, o suor excessivo, práticas comuns ao universo da cultura física, “quando relacionados à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina” (p. 92). Assim, a participação das mulheres na vida esportiva de Oliveira suscitou um debate nos jornais locais sobre as modalidades que supostamente seriam mais indicadas para o “sexo frágil”. No final de agosto de 1916, por ocasião dos primeiros movimentos do clube *Gracia y Fuerza*, um cronista que assinava com o pseudônimo João d’Oeste teceu o seguinte comentário:

E depois de muito viajar, volto ao meu canto, com um número antigo da *Gazeta* que por acaso me veio às mãos.

Foi por ele que fiquei sabendo que as gentis compatriotas, alunas do Colégio Nossa Senhora de Oliveira, acabaram de fundar uma sociedade Sportiva, sob o nome de *Gracia y Fuerza*.

Achei a ideia da fundação do Club magnífica. Sempre fui partidário decidido dos jogos ginásticos para as meninas, tão sujeitas as enfermidades pela tirania da moda, a que gostosamente se submetem.

Todavia, jamais gostei que as moças se exibam nos seus exercícios: é contra a índole brasileira essa ostentação de plástica, de agilidade, de movimentos bruscos e por vezes indiscretos. [...]

Imaginem as distintas consorcias do *Gracia e Fuerza*, em uma partida de *hand-ball*. Os comentários espontâneos dos espectadores seriam edificantes, se fossem escutados:

- Viste a pixotada da X?

- Não, mas ri-me do cambaleio da Y.

- E eu do escorregão da Z.

X, Y e Z são incógnitas, está visto.

Porém, não estou aqui para desanimar e sim para estimular tão útil sociedade.

Os Sports, aos benefícios próprios do exercício, reúnem o da alegria comunicativa, da emulação, da educação de sentimentos como a solidariedade etc.

Entre os jogos femininos, acho bons a peteca, o tiro ao alvo, a esgrima. A esgrima, então, é o mais aconselhável de todos: não tem posições, nem fases duvidosas; a esgrima conserva-se numa atitude severa que lhe corrige favoravelmente os defeitos do porte, dando elegância. (GAZETA DE MINAS, 22 de outubro de 1916, p. 1)

No registro acima, o cognominado João d’Oeste, ainda que considerasse “magnífica” a ideia de fundação do novo clube esportivo formado por mulheres, externou suas preocupações com a fruição de modalidades que exigiam do público feminino “ostentação de plástica, de agilidade, de movimentos bruscos e, por vezes, indiscretos”. Citando como exemplo de reprovação o *hand-ball*, talvez por querer, indiretamente, tecer críticas ao *basket-ball*, esporte adotado pelo

Gracia y Fuerza, o mesmo sugeriu as práticas da peteca, do tiro ao alvo e da esgrima, entendidas por ele como mais “elegantes” e que não demandavam movimentos extravagantes. Em outro exemplo, datado de abril de 1917, um cronista anônimo sugeriu, como práticas mais adequadas para as mulheres, “a equitação, a natação e o passeio pelos campos”. Este último, segundo foi aludido: “aos domingos bem se poderiam organizar expedições para esses longos passeios que viriam constituir a saúde das belas patricias” (GAZETA DE MINAS, 29 de abril de 1917, p. 2).

É, no contexto deste debate sobre os esportes indicados ou contraindicados para as mulheres, que as notícias dos treinos e partidas públicas de *basket-ball* dos clubes *Gracia y Fuerza* e *Eden Club Sportivo* desapareceram da imprensa de Oliveira. A partir de 1917, diferente de toda a segunda metade do ano anterior, os feriados nacionais, as festas escolares ou, ainda, as tardes no *ground* da Praça D. Manuelita Chagas já não contavam com a “amabilidade inebriante” do jogo da bola ao cesto. Existe uma coincidência temporal entre a dissolução dos dois clubes de *basket-ball* e a veiculação de matérias que sugeriam a prática de outros esportes entendidos pelos cronistas como “melhor adaptados” para a fruição das “formosas oliveirenses”. É preciso destacar que, na passagem do século 19 para o 20 no Brasil, sobretudo em regiões da *hinterlândia*, a imprensa atuou como uma espécie de farol da civilização, encerrando o potencial de contribuir para fixar e disseminar determinadas representações a respeito de práticas e realizações que deveriam ser celebradas por serem marcos de progresso ou condenadas por estarem à margem da civilização desejada (CORRÊA; DIAS, 2020). Nesse sentido, no papel de “conselheira das elites” e “guia da opinião pública” (GOODWIN JUNIOR, 2007, p. 83), os jornais de Oliveira, na defesa de outras modalidades esportivas para as mulheres, aparentemente tiveram uma participação importante no processo de desaparecimento de notícias envolvendo os *matches* de *basket-ball*.

O argumento acima é reforçado quando observamos que a patinação e a peteca, modalidades introduzidas quase na mesma época que o *basket-ball*, e que também tinham as mulheres como principal público-alvo, permaneceram no cotidiano da cidade, angariando estímulos e notas elogiosas na imprensa. No caso da patinação, a fruição das mulheres recebia referências como “tracejos dóceis”,

“deslizes sincronizados”, “leveza dos patins” ou, ainda, “*sport* elegante”. Diferente do *basket-ball*, cujo possível encerramento das atividades dos clubes *Gracia y Fuerza* e *Eden Club Sportivo* não provocou registros de explicações ou de lamentos, a patinação, por outro lado, nos momentos de arrefecimento da sua prática, levou a imprensa a estimular a presença das mulheres no rinko do jardim público. Em julho de 1919, por exemplo, um “rigoroso e desabrido frio” que chegou “nas asas de um vento cortante” fez com que as frequentadoras do jardim ficassem “encorujadas dentro de casa”. Com o argumento de que “o frio não respeita a inviolabilidade de domicílio”, um cronista que assinava com o pseudônimo de De Fouquier direcionou um chamado para as mulheres de Oliveira: “Procuremos o rinko, demos-lhe o sedutor encanto, a irresistível magia das formosas patinadoras oliveirenses. A música já regressou ao coreto do jardim. Falta-lhe agora a alma encantadora do inverno – as nossas patinadoras (GAZETA DE MINAS, 13 de julho de 1919, p. 2).

Mais do que publicar notas elogiando ou incentivando a prática da patinação entre as mulheres, a imprensa de Oliveira também atuou frente às autoridades políticas para reformas e melhorias no rinko do jardim, movimento que não aconteceu com o *basket-ball*, visto que o *ground* da Praça D. Manuelita Chagas foi totalmente desativado. Em maio de 1920, após um novo arrefecimento da patinação, a imprensa iniciou uma campanha para o retorno da prática no jardim, prometendo, inclusive, buscar o auxílio dos vereadores locais para uma reforma do rinko:

Quando aqui sugerimos o renascimento do rinko dissemos que conseguiríamos fosse o mesmo melhorado, de modo a tornar-se adequado ao lindo sport. Podemos informar que o Sr. Presidente da Câmara Municipal já providenciou, no sentido, e em breve o rinko estará “novo” para tornar-se o ponto predileto do flirt das nossas “melindrosas” com os nossos “preciosos”. (GAZETA DE MINAS, 30 de maio de 1920, p. 2)

Naturalmente que a progressiva convergência dos cronistas da imprensa, na defesa de esportes que não exigiam, nas palavras do cognominado João d’Oeste, “posições nem fases duvidosas” (GAZETA DE MINAS, 22 de outubro de 1916, p. 1), não é a única variável que ajuda a explicar o repentino desaparecimento das notícias dos clubes, dos treinos e das partidas públicas de

basket-ball em Oliveira. Ainda que a imprensa não ofereça informações sobre o que levou a extinção do jogo introduzido pelas normalistas, é possível direcionar para outra frente interpretativa.

Em meados de janeiro de 1917, foram aplicados os exames finais para as alunas do último ano do curso normal da Escola Nossa Senhora de Oliveira (GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 de janeiro de 1917, p. 1). No dia 3 do mês seguinte, ocorreu, nas dependências do colégio, a imposição de grau das alunas que obtiveram resultados satisfatórios nas provas, cerimônia que foi encerrada com um baile organizado pelas normalistas. Entre as formandas, é possível encontrar diversos nomes que eram vinculados aos clubes *Gracia y Fuerza* e *Eden Club Sportivo*, a exemplo de Alzira de Oliveira, Carmelita Gontijo, Haydeé Trindade, Maria Cândida, Rita dos Santos e Zilda Alvez (GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 de fevereiro de 1917, p. 1).

A implantação de uma Escola Normal em Oliveira teve como principal justificativa “as enormes vantagens para os habitantes desta parte do Oeste de Minas” pelos benefícios que as mulheres diplomadas prestariam na promoção da “felicidade das crianças que são confiadas à guarda de tão beneméritas brasileiras” (GAZETA DE MINAS, 23 de julho de 1905, p. 1). A Escola Nossa Senhora de Oliveira, conforme é possível constatar no movimento de viajantes publicado na imprensa local, recebia alunas de diferentes pontos do Oeste mineiro: Formiga, Prados, Pitangui, Santo Antônio do Monte e São Francisco de Paula são algumas das localidades com residência de normalistas (cf., por exemplo: GAZETA DE MINAS, 4 de janeiro de 1914, p. 2; GAZETA DE MINAS, 29 de março de 1914, p. 2; GAZETA DE MINAS, 14 de maio de 1916, p. 2). Em dezembro de 1917, por ocasião das férias escolares, um cronista anônimo da *Gazeta de Minas* explicitou esse intenso trânsito de estudantes: “Diversas alunas do Curso Normal, antes de partirem para suas terras natais em gozo de férias, vieram a redução trazer suas saudosas despedidas ao redator Pinto Machado que também é lente naquele curso” (GAZETA DE MINAS, 2 de dezembro de 1917, p. 1). Mesmo as alunas que moravam em Oliveira, não era raro que, após a diplomação, fossem deslocadas para receberem cadeiras ou substituições em escolas dos povoados rurais, distritos ou mesmo municípios circunvizinhos. Foi o que aconteceu em dezembro de 1914 com as professoras recém-formadas

Regina Maria e Gabriela Silveira, contratadas para ministrar aulas, respectivamente, na cidade de Passa Tempo e no distrito de São Francisco de Paula (GAZETA DE MINAS, 13 de dezembro de 1914, p. 2).

Nessa direção, é possível especular que, após a formatura de um número considerável das sócias pioneiras na organização dos clubes *Gracia y Fuerza* e *Eden Club Sportivo*, muitas delas retornaram para suas “terras natais” ou assumiram cadeiras em escolas dos povoados rurais ou localidades confinantes da cidade de Oliveira, fato que pode ter desarticulado a institucionalização do *basket-ball* na cidade. Em síntese, essa desarticulação, somada às críticas da imprensa ao jogo da bola laranja e às campanhas em favor de esportes supostamente mais elegantes, como era o caso da patinação, podem ter desestimulado, pelo menos até o ano de 1920, período em que se estendeu o recorte temporal da pesquisa, as novas alunas ou mesmo o corpo de professores da Escola Normal a desenvolverem novas experiências com o *basket-ball* nos *grounds* do colégio e da praça D. Manuelita Chagas.

Considerações finais

A análise do conjunto de fontes arroladas neste curto recorte temporal não encerra as discussões sobre o período embrionário do *basket-ball* na cidade de Oliveira. Pelo contrário, embora as abordagens apresentadas neste artigo possuam caráter introdutório, elas sugerem uma multiplicidade de perguntas que ainda precisam ser respondidas. Quais outras variáveis explicam o desaparecimento dos clubes *Gracia y Fuerza* e *Eden Club Sportivo*? Quando ocorreu o retorno das experiências com o jogo da bola ao cesto na sede de Oliveira e em qual contexto? Será que as normalistas, sócias dos clubes pioneiros, após sua diplomação, desenvolveram a novidade esportiva em outros pontos do Oeste de Minas Gerais? Enfim, somente com a produção de novas investigações será possível encontrar elementos inéditos referentes ao espraiamento do *basket-ball* em regiões da *hinterlândia* brasileira. Fizemos uma cesta, outras virão!

Referências bibliográficas

ADÃO, Cleber do Sacramento; SILVA, Diego Wandley Araújo; CAMPOS, Áurea Ester Dornelas. O esporte na cidade mineira de origem colonial: uma leitura a partir do jornal *A Tribuna* (1907-1925). In: **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 87-104, jul./dez. 2014.

ALVEZ, Rogério Othon Teixeira; NETO, Georgino Jorge de Souza. *Volley-ball e basket-ball* no sertão mineiro: o advento dos esportes americanos em Montes Claros-MG na primeira metade do século XX. In: **Caminhos da História**, Montes Claros, v. 26, n. 1, p. 80-97, jan./jun. 2021.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis – MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). In: **Revista Fulia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio/ago. de 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. In: **Revista Locus**, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019.

CABRAL, Deisiane Maria Moreira. **A bola laranja do Triângulo Mineiro**: realização de dois livros- reportagem sobre a história do basquete em Uberlândia. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

CORRÊA, Joyce Nancy da Silva; DIAS, Cleber. Esporte, lazer e cultura no Acre, c. 1907-1920. In: DIAS, Cleber (Org.), **Depois da Avenida Central**: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020, p. 111-151.

DIAS, Cleber, *et al.* História do futebol em Minas Gerais. In: **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v. 3, n. 2, p. 67-86, jan./jun. de 2014.

FRANZINI, Fábio. “Esporte, cidade e modernidade: São Paulo”. In: MELO, Víctor Andrade de. **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

GATTI, Giseli Cristina do Vale; INÁCIO FILHO, Geraldo. As práticas escolares e a formação cívico-patriótica no Ginásio Mineiro de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil (1920/1970). In: **História da Educação**, Pelotas, v. 14, n. 31, p. 37-69, maio/ago. 2010.

GOODWIN JUNIOR, James William. **Cidades de papel**: imprensa, progresso e tradição, Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. In: **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

JÚNIOR, Edivaldo Gois. O esporte a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 95-117, out/dez de 2013.

KANITZ, Roberto Camargos Malcher. **Vila Nova Athletic Club: história do futebol operário em Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LIMA, Alex Witney. Trilhas históricas do foot-ball em São João del-Rei: os clubes, as ligas e os campeonatos (1909-1921). In: **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v.3, n. 2, p. 105-122, jul./dez. de 2014.

MESSIAS, David. **Basquete, memória e “espírito mackenzista”**: um recorte a partir do acervo do centro histórico e cultural Mackenzie (1896-2000). Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

MORORÓ, Anderson de Carvalho. **O futebol em Juiz de Fora: uma perspectiva através da imprensa (1904-1914)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

NETO, Georgino Jorge de Souza. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. Dissertação (Mestrado em lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **A constituição e o enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. 2006. 338f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SILVA, Bruno Adriano Rodrigues. Uma cultura escolar de esporte no Instituto Evangélico, Lavras, Minas Gerais (1893-1919). In: **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, vol. 17, n. 2, p. 56-82, abr./jun. de 2017.

SILVA, Igor Maciel da. A presença das mulheres nos divertimentos de Barbacena – MG (início do século XX). In: **Revista Dia-logos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 111-122, jan./jun. 2017.

SILVA, Igor Maciel da. Rápida como os patins: a presença das mulheres na patinação em Barbacena-MG no início do século XX. In: **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-11, jan./jun. 2020.

SILVA, Luciano Pereira da. O foot-ball e o início da diversão esportivizada em Montes Claros – MG. In: **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 1-30, mar. de 2013.

SILVA, Thiago Felipe da. O futebol em uma cidade do interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTILI, José Alfredo de O.; SILVA, Thiago Felipe da (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Outras fontes

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 17 de dezembro de 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 25 de fevereiro de 1912, p. 4.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de setembro de 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 10 de setembro de 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 11 de fevereiro de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 de junho de 1898, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 de março de 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 12 de setembro de 1915, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 de dezembro de 1914, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 13 de julho de 1919, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 de janeiro de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 14 de maio de 1916, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 de maio de 1898, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 15 de março de 1896, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 17 de janeiro de 1909, p. 5.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 17 de setembro de 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 de agosto de 1918.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 de fevereiro de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 18 de março de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 19 de novembro de 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 2 de dezembro de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 2 de junho de 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 20 de abril de 1917, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 de abril de 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 de março de 1914, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 de novembro de 1915, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 21 de outubro de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 de abril de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 de outubro de 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 22 de setembro de 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 de dezembro de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 23 de julho de 1905, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 28 de janeiro de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 29 de abril de 1917, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 de dezembro de 1911, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 de junho de 1923, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 3 de março de 1912, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 30 de maio de 1920, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 31 de janeiro de 1909, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 4 de janeiro de 1914, p. 2.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 5 de novembro de 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 6 de abril de 1919, p. 3.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 de maio de 1917, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 7 de setembro de 1918, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 de abril de 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 de julho de 1916, p. 1.

GAZETA DE MINAS, Oliveira, 9 de abril de 1911, p. 1.

MINAS GERAIS. Secretaria de Agricultura. Serviço de Estatística Geral. **Anuário estatístico**: ano 1 (1921), v. IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

O ESTANDARTE, Cataguazes, 19 de novembro de 1914, p. 1.

O PHAROL, Juiz de Fora, 15 de setembro de 1911, p. 2.